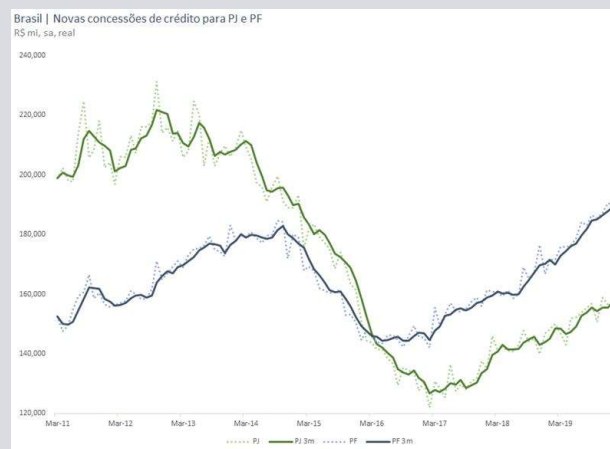


Blue Notes | Fechamento da Semana | 28 de fevereiro 2020

Crise do Coronavírus muda de patamar e arrasta mercados globais. A disseminação global do Coronavírus evidenciada nos últimos dias, inclusive no Brasil, trouxe pânico aos mercados financeiros globais em magnitude e abrangência pouco vistas na história. Os ativos brasileiros, obviamente, não escaparam da deterioração, que foi agravada também por ruídos políticos emanados do Palácio do Planalto. A situação ainda se encontra muito fluida e a visibilidade se mantém baixa, fazendo com que os formuladores de política econômica se mantenham inicialmente cautelosos em relação a eventuais medidas de estímulo econômico no Brasil e no mundo. Mas, sem dúvida, na ausência de uma solução rápida de tratamento no vírus, uma sinalização mais clara de estímulo monetário e/ou fiscal será primordial para estabilizar a dinâmica do mercado financeiro.

Fundamentos da demanda se mantiveram sólidos em janeiro.

Após uma rodada decepcionante de dados de atividade econômica em novembro e dezembro, os primeiros dados de janeiro mostram que não haveria razão para ficarmos tão pessimistas com o processo de retomada de crescimento do PIB do Brasil em 2020, até nos depararmos com os efeitos negativos do Coronavírus no crescimento global. Nessa semana, os relatórios de crédito e mercado de trabalho mostraram que os fundamentos da demanda privada continuavam favoráveis no início do ano, com expansão do crédito tanto para pessoas físicas como jurídicas e quedas marginais na taxa de desemprego (apesar do nível ainda bastante alto). Além da melhora quantitativa, esses relatórios mostraram também uma melhora qualitativa nos dois mercados, com números de inadimplência e spread bancário menores e geração de empregos formais em aceleração.



Coronavírus atrasará retomada do crescimento no Brasil.

Após ser inicialmente encarado pelos analistas como um choque negativo, porém passageiro e geograficamente restrito, a disseminação da doença tem gerado sucessivas revisões para baixo das projeções de crescimento global. Ainda é prematuro cravar novas estimativas, mas parece que o viés está mais para um PIB crescendo ligeiramente abaixo de 2%, frente a uma projeção anterior mais próxima dos 2.5%. Se as projeções se estabilizarem mais próximas de 2%, não vemos o Copom retomando o ciclo de corte de juros, que foi praticamente encerrado na última decisão. Porém, se a doença se alastrar no país, gerando paralisações em linhas de produção locais, além do impacto indireto via queda de demanda externa, novas rodadas de estímulo monetário parecem inevitáveis.

Respostas distintas dos BCs ao redor do mundo.

O posicionamento dos principais BCs do mundo tem sido distinto de acordo com o espaço monetário existente para cada um. Na China, epicentro da crise, o PBOC já se mostrou mais preemptivo, com cortes de juros e anúncio de medidas direcionadas a bancos pequenos e médios. O Fed tem adotado a linha de que ainda é cedo para avaliar o impacto do vírus na economia mas alertou que está monitorando esse risco de perto e agirá para estimular a economia se necessário. Já o ECB, pelo pouco espaço monetário disponível, tem apontado para o fiscal como a ferramenta mais apropriada a ser utilizada.